

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho (ALAST)
O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.
São Paulo, 02 a 05 de julho de 2013

GT 18 - Psicología Social del Trabajo en América Latina: identidades y procesos de
subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo
cotidiano
Tema: Psicología Social

**Trabalho e política no cotidiano da autogestão:
o caso da rede Justa Trama**

Cris Fernández Andrada
mestre e doutoranda em Psicologia Social
Universidade de São Paulo (USP)

andrada@usp.br

**Trabalho e política no cotidiano da autogestão:
o caso da rede Justa Trama**

Cris Fernández Andrada
(doutoranda USP)

Orientação: Profa. Dra. Leny Sato (IP – USP)

Esta pesquisa de doutorado em Psicologia Social objetivou identificar as principais relações entre trabalho e política no cotidiano de uma rede autogerida. A Justa Trama reúne cerca de seiscentas pessoas de cinco empreendimentos de quatro regiões brasileiras, abarcando boa parte da cadeia produtiva têxtil. Acompanhamos parte da agenda política do grupo de 2010 a 2012, adotando a etnografia como referencial metodológico e a filosofia da vida cotidiana de A. Heller, como principal apoio teórico. A rede, como o campo da Economia Solidária a que pertence, revelou-se dialeticamente como organização de trabalho, cujo fim é gerar renda, e como organização política, de resistência ao modo de produção capitalista, por meio da construção e do uso de práticas econômicas de valores distintos. Concluiu-se também que a política, no cotidiano da autogestão da rede, pode ser entendida como trabalho.

Objeto

Esta pesquisa de doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP) entre 2009 e 2013, teve como grande campo a Economia Solidária brasileira, em intenso desenvolvimento nos últimos anos, a partir da crise do emprego (Antunes, 1999; Singer, 1998; Singer & Souza, 2000; Souza, 2011). Como objeto deste estudo, de caso, tomou-se a experiência política de uma rede de cooperativas autogerida, a Justa Trama, adiante apresentada.

Atualmente milhares de trabalhadores brasileiros geram trabalho e renda a partir de cooperativas e associações autogeridas. Por vezes, e por necessidade histórica, muitos deles dirigem-se a ações econômicas e políticas mais amplas, e vem desenvolvendo, não sem dificuldades, e de modo cada vez mais complexo, um modelo econômico alternativo ao modo de produção capitalista (Souza, 2010; Cruz, 2010). Por meio da interação com diversos atores e instituições, tiveram que criar e modificar diversos processos cotidianamente, no modo de gerir o trabalho, de comercializar seus produtos, de obter crédito, de praticar intercooperação etc. Assim, estes trabalhadores têm promovido importantes mudanças no tecido social em que se encontram, numa tensão cotidiana entre trabalho e política, como demonstramos em pesquisa anterior (Andrada, 2009).

Criada em 2005 e formalizada em 2008, a Justa Trama foi proposta por seus trabalhadores como uma ampla rede, que reúne cerca de seiscentas pessoas, de empreendimentos autogeridos de quatro regiões brasileiras. Abarca grande parte da cadeia têxtil, do plantio do algodão, feito por agricultores familiares do sertão cearense, à confecção final, a cargo de costureiras gaúchas e catarinenses. Cooperados de uma empresa recuperada de Minas Gerais fazem o fio e o tecido, e artesãs de Rondônia dão acabamento às peças, a partir de sementes amazônicas. Rede presente em outras redes, a Justa Trama participa ativamente em diversos fóruns locais, regionais e nacionais da Economia Solidária, para quem é, atualmente, uma importante referência (Cruz, 2010).

À época do campo da pesquisa, a Justa Trama era formalmente composta por cinco empreendimentos econômicos solidários (EES), abaixo representados:



Fig. 1. Versão atualizada de imagem disponível em reportagem da revista *Globo Rural*. Recuperada em 06/03/2012 de <http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,ERT262826-18283,00.html>.

Objetivo

Como objetivo da pesquisa, adotamos identificar e descrever as principais relações entre trabalho e política no cotidiano de uma cadeia produtiva autogerida, a Justa Trama.

Metodologia

Como referencial metodológico desta pesquisa, qualitativa, tomou-se a etnografia, a partir da fecunda relação que estabelece com a Psicologia Social (Sato & Souza, 2001; Andrada, 2006; 2010). Como ferramentas, utilizou-se a observação etnográfica combinada a entrevistas prolongadas. Disto resulta a escolha por priorizar um extenso

trabalho de campo, amparado também no conceito de *etnografia multissituada*, de George Marcus (1995).

Também representaram importantes referências metodológicas para esta investigação os trabalhos de psicólogos sociais pautados pela concepção de pesquisa como relação social, qual seja, como “um processo de convivência entre pessoas” (Sato & Souza, 2001; Spink, M. 2007; Spink, P. 2008). A partir do reconhecimento do caráter central do cotidiano na leitura dos fenômenos psicossociais estudados, eles recuperaram “[...] a noção da Psicologia Social como prática social, de conversa e de debate, de uma inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários” (Spink, P., 2008. p. 70).

Resultados

Os resultados da pesquisa advêm de um extenso trabalho de campo, orientado principalmente para acompanhar a agenda política da rede. Ao todo, realizamos doze viagens (três internacionais) e seis entrevistas prolongadas (uma delas, coletiva), entre março de 2010 e novembro de 2012. Foram mais de 30 dias de intenso convívio com trabalhadores/as da rede, em regime de imersão. Em campo, dedicamo-nos a compreender principalmente como estes trabalhadores conciliam as práticas de trabalho e de política, e assim constroem e sustentam esta rede no cotidiano; que alimentos e entraves encontram e que recursos têm desenvolvido para lidar com eles.

Após as primeiras viagens, foi necessário rever o foco e a rota em campo. Para manter a atenção nos processos políticos cotidianos da rede, em vez de visitar empreendimento por empreendimento – intenção inicial - era preciso priorizar os espaços de reunião *entre* eles. Compreendemos que os lugares políticos da rede não são os elos em separado, mas aqueles onde se encontram representados e ativos todos os elos. Ali comungam de uma identidade coletiva comum e, deste lugar compartilhado, dedicam-se à gestão e construção cotidiana do empreendimento que juntos sustentam.

Outra necessidade advinda do campo foi a de buscar uma teoria dialética sobre a História, um conjunto articulado de ideias sobre os indissociáveis processos de reprodução e também de produção social, tomados a partir de uma escala tangível, que permitisse focalizar e seguir os movimentos dos trabalhadores/as da Justa Trama, pessoas que num só tempo sofrem e criam o mundo em que vivem, todos os dias. Para isto, encontramos amparo principalmente nas obras da filosofia da vida cotidiana de

Agnes Heller (1982, 2008) (Patto, 1993). Para esta autora, marxista, “a vida cotidiana não está ‘fora’ da História, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (Heller, 2008, p. 20).

Vistas a partir das lentes da vida cotidiana, as práticas da rede revelaram uma tensão dialética constante entre produção e reprodução social. Em outras palavras, significa viver, enquanto trabalhadores, os efeitos das contradições do modo de produção capitalista, mas também construir recursos para esquivar-se deles e, muitas vezes, agir politicamente de modo a criar outro paradigma de produção e de comercialização, em meio a muitas dificuldades. Um dos exemplos mais emblemáticos disto pode ser o recorrente debate que observamos no cotidiano da Justa Trama: “*ela é um meio, um fim em si mesmo, ou os dois?*”, perguntam-se seus associados.

Na tese, damos exemplos de práticas econômicas cotidianas da rede, distintas do paradigma capitalista, por meio da apresentação de casos oriundos do campo, como: a) “*problema de um é problema de todos*”: com a crise internacional do algodão, os elos compradores da cadeia propõem pagar mais aos agricultores; b) participação política cotidiana: num só tempo problema e solução dos desafios vividos; c) “*este é o nosso dilema*”: como aumentar a renda sem elitizar os produtos e comprometer os valores pactuados.

De modo geral, e entre outros resultados, a pesquisa permitiu compreender a rede Justa Trama, como o campo da Economia Solidária a que pertence, dialeticamente como organização de trabalho, cujo fim é gerar renda, e como organização política, de resistência ao modo de produção capitalista, por meio da construção e do uso de práticas econômicas apoiadas em valores distintos a este, como o caráter igualitário das relações e a participação democrática. Concluiu-se também que a *política*, no cotidiano da autogestão da rede, pode ser entendida como *trabalho*.

Bibliografia Principal

- ANDRADA, C. F. (2010) Etnografias em Psicologia Social: notas sobre uma aproximação fecunda. *Ponto.Urbe (USP)*, v. 7, p. 129, 2010.
- _____. (2009) O encontro da política com o trabalho: um estudo psicossocial sobre a autogestão das trabalhadoras da Univens. Porto Alegre: ABRAPSO SUL.
- ANTUNES, R. (1999) *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

- ARENDT, H. (2000) *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CRUZ, A. (2010) A rede Justa Trama: os fios e o tecido de uma cadeia produtiva na Economia Solidária. In MORAIS, L. BORGES, A. (Orgs) (2010) *Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras*. São Paulo: Instituto Polis. [pp. 343-384]
- HELLER, A. (1982) Carecimentos e valores. In Heller, A. *Para mudar a vida – felicidade, liberdade e democracia*. Entrevista a Ferdinando Adornato. São Paulo: Brasiliense. [pp.133-169]
- _____. (2008) *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra.
- LEFEBVRE, H. (1966) *Problèmes théoriques de l' "autogestion"*. Paris: Cahier n. 1.
- MARCUS, G. E. (1995) Ethnography in/of the Word System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California. v. 24 [pp 95-117]
- MARTINS, J. S. (2000) *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec.
- PATTO, M. H. S. (1993) O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em Educação. *Perspectivas*, São Paulo, 16: 119-141.
- SATO, L. & SOUZA, M. P. R. (2001) Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12 (2), 29-47.
- SINGER, P. (1998). *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Petrópolis: Vozes.
- SINGER, P. & Souza, A. R. (2000). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto.
- SPINK, M. J. P. (2007) Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*; 19 (1): 07-14; jan/abr.2007
- SPINK, P. K. (2008) O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 70-77.
- SOUZA, A. R. (2011) Um exame da Economia Solidária. *Outra Economia*, 5 (9): 173-184, julho-diciembre 2011.